

Política.

Paralisação de um dia na Justiça

Os servidores do Judiciário Estadual vão paralisar as atividades hoje. Eles reivindicam 8,32% de reajuste salarial e melhores condições de trabalho. Apenas 30% do serviço deve ser mantido, de acordo com o Sindijudiciário.

EDITOR INTERINO:
EDUARDO FACHETTI
efachetti@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8332
agazeta.com.br/politica



DELATOR NA DITADURA ELE ENTREGOU MÍRIAM LEITÃO AOS MILITARES

Foedes Santos, de 74 anos, vive na periferia de Cariacica

▄ VINÍCIUS VALFRÉ
vpereira@redgazeta.com.br

Numa casa simples em Santa Bárbara, Cariacica, vive uma das peças-chave da história da ditadura militar no Espírito Santo e cujo paradeiro era, até então, desconhecido. Foedes dos Santos, 74, era o principal líder do PCdoB no Estado e sua prisão, em novembro de 1972, coincidiu com o desmantelamento do partido e com prisões e assassinatos de diversos comunistas.

Foi ele quem passou aos militares informações que levaram à prisão a jornalista Míriam Leitão, grávida, e o ex-marido Marcelo Netto. Ambos “caíram” no Centro de Vitória em dezembro de 1972 quando seguiam para a praia.

As delações ocorreram no 38º Batalhão de Infantaria, em Vila Velha, e ainda hoje pesam como condenação contra o ex-comunista. “O partido o considera um traidor. Ele negociou para que a vida dele fosse poupa-



Na sala de casa, Foedes relembra o passado: “Os militares são perversos”

da se entregasse todo mundo”, diz o dirigente estadual do PCdoB, Namy Chequer.

“Ele teria dito no quartel que, se o torturassem, não contaria nada. Ninguém sabe bem”, reforça o comunista histórico Iran Caetano.

Foedes recebeu A GAZETA em sua casa ontem à tarde. No sofá da sala, de braços e pernas cruzados, admitiu ter entregue outros membros do PCdoB além de Míriam e Marcelo. O tom de voz não evidenciou o me-

nor resquício de rancor contra quem o acusa ao dar a própria versão: só entregou as informações porque não aguentava mais a tortura.

LEMBRANÇAS

“Não era para ter aconte-

RELEVÂNCIA



“É um personagem emblemático dessa parte da história e não havia informação concreta sobre o paradeiro. Houve muitas prisões a partir da dele. É uma grande descoberta”

PEDRO ERNESTO FAGUNDES HISTORIADOR

versos. Sabem bater sem deixar marca”, diz. Desde que saiu da cadeia, após 22 meses, Foedes jamais procurou o partido ou os ex-companheiros. Acabou expulso à revelia do PCdoB.

“Durante muito tempo a culpa de toda a tortura cai sobre as costas do Foedes, e ele não é colocado como mais uma vítima”, lembra Pedro Ernesto Fagundes, historiador especialista na ditadura de 1964.

Da vida de comunista procurado, Foedes mantém apenas o nome de guerra. É melhor ser chamado de Edson do que solettrar sempre. Não guarda documentos, fotos ou qualquer registro da militância pretérita.

O delator de Míriam Leitão tem um único filho. Vive com a mulher e o gato, Nikos. Enfrenta um câncer desde 2009 e não exibe a menor preocupação com as acusações do ex-partido.



CONTINUA pág. 20

MEMÓRIAS DE UM EX-MILITANTE

“NA HORA DO PAU, MUITA GENTE ENTREGA”

Foedes dos Santos
Ex-1º secretário do PCdoB.

▄ O ex-líder comunista do Estado foi preso em casa, em Viana, em 1972. Segundo ele, en-

treque por outro militante. Confira a entrevista:

Após sua prisão ocorreram muitas outras. Dizem que suas informações levaram até ao assassinato de comunistas no Rio. O senhor era infiltrado?

Claro que não. Falam muita coisa. Tem muito folclore. Entreguei alguns companheiros porque não

tive outra saída. Fui obrigado a entregar, por exemplo, o companheiro que eu mais amava, o Jorge Luís de Souza (então líder do PCdoB em Cachoeiro).

Foi torturado?
Muito. Levei “telefone”, choque elétrico, mergulho forçado e enforcamento. Só aliviaram depois que abri algumas informações.
Por que entregou a Míriam Leitão?

Admito que essa foi uma entrega quase gratuita, sem necessidade. Mas era tanto choque, tanta pancada, que fui falar de uma coisa e acabei falando outra.

Como assim?
Foi um vacilo. Fui falar um nome e falei outro. Depois que falei o nome dela os militares pegaram no meu pé e não teve jeito de voltar atrás. Me parece que Míriam tinha ba-

se organizada na Fafi.

Por que não procurou o partido depois de deixar a prisão?

Não queria mais militância. Não aguentava uma tortura. Descobri que não era capaz de morrer pela causa como outros fizeram. E uma coisa me decepcionou: na esquerda todo mundo é bravo, mas na hora do pau muita gente entrega os outros. Outra

coisa: a esquerda não tinha tato político. Se tivesse metade do tato de um Paulo Maluf, o partido não tinha acabado como acabou.

Incomoda-se com as acusações de traidor?
Não tenho nada a me envergonhar. Me orgulho de ter sido um que não aceitou o regime militar. Só me envergonho de não ter morrido pela causa, de ter entregue companheiros.

“NÃO AGUENTAVA MAIS ESPERAR ESSE ENCONTRO”

Matheus Leitão procurou o delator dos pais por 15 anos

▄ **RONDINELLI TOMAZELLI**
rtomazelli@redgazeta.com.br

Naquela noite escura em Cariacica, Matheus Leitão Netto andou de mãos dadas com a coragem. Era a história do país e de sua família cruzada na direção de um homem envolto em mistério, oculto em silêncios, vagando nas sombras de marcas doloridas.

Desde os 12 anos um inquieto questionador da história de Míriam Leitão e Marcelo Netto, seus pais, na ditadura, Matheus, o único a não sofrer na pele e na alma os maus-tratos da repressão naquela família, chegou aos dados do delator dos pais nos arquivos do Superior Tribunal Militar em Brasília, em 2008.

Em dezembro passado, o filho de Míriam Leitão, que hoje também é jornalista, viajou para Vitória e foi com um amigo até Cariacica em busca do rastro de Foedes Santos. O ex-líder da célula do PCdoB capixaba foi localizado numa comunidade do interior depois de intensa apuração em campo.

Não foi fácil. Após a con-

versa tensa, longa e dura, Matheus perdoou o homem que entregou seus pais para serem presos e torturados pelos militares. Grávida de um mês do hoje também jornalista Vladimir Netto, Míriam tinha na cela amigas como a também gestante Magdalena Frechiani.

ENCONTRO

Após 15 anos de investigação por conta própria, o que sentiu Matheus ao ficar cara a cara com Foedes? “Eu estava muito emocionado. Ele chegou apreensivo, até pelo tardar da hora em que chegamos lá, mas eu não aguentava mais a espera desse encontro. Foi um sentimento misto de emoção e apreensão”.

Foedes confirmou que entregou seus pais e outros membros do partido para a ditadura e que deu o endereço do militante Lincoln Oest para os militares, que o mataram em seguida. Foi uma revelação bombástica.

“Ele confessou. Eu estava obtendo a resposta a um drama pessoal e familiar, uma pequena parte de um



ACERVO PESSOAL

“Foedes é carregado de muita dor”, concluiu Matheus

quebra-cabeça da resistência e da luta contra a ditadura. Meus sentimentos estavam à flor da pele”, conta Matheus. Além da relevância pessoal, o fato tem importância histórica por localizar o paradeiro do homem ligado à queda do PCdoB no Espírito Santo e que entregou a ponte local com a Guerrilha do Araguaia.

Não à toa a reportagem se intitula “A espera”. Na detalhada narrativa em 1ª pessoa, publicada na plataforma de jornalismo on-line Brio, lançada ontem, Matheus se deparou com um homem recluso e isolado da comunidade, arredio e até agressivo na conversa, mas que revelou já esperar a chegada de um jornalista. Sinais do quanto o peso da traição e o remorso se impõem sobre o delator, hoje crítico contumaz do comunismo.

“Eu queria ouvi-lo. Foi muito importante a coragem dele de admitir o que aconteceu, de dizer que não tinha estrutura para aguentar a tortura. É um personagem carregado de dor muito grande, um pe-

so. Foi importante me revelar o que sente, que sofre muito por ter entregado os companheiros”.

Capturado pela ditadura, o esquerdista delatou cerca de 30 companheiros de luta imediatamente presos e alvo de torturas. Foedes diz que denunciou os amigos e parceiros de luta porque não suportaria o sofrimento continuado no corpo, mas outros presos não viram sinais físicos de tortura nele. O argumento de que foi torturado convenceu a Matheus.

“Eu fui atrás de respostas e o Foedes deu a sua versão. Os argumentos dele têm contradições (como as declarações sobre choque elétrico), mas, de fato, há uma história com começo, meio e fim que fez sentido pra mim. Não tenho como checar se Foedes foi torturado na prisão, mas a versão dele foi dada e tem de ser respeitada. Aquele foi um tempo muito difícil, de extremos”.

gazetaonline.com.br

Veja vídeo no GazetaOnline e a reportagem de Matheus em <http://brio.media/pt/title/212>

ENTREVISTA

“MEUS PAIS ESTÃO PROCESSANDO O PEDIDO DE PERDÃO”

Matheus Leitão Netto
Jornalista e pesquisador

▄ **Mesmo Foedes sendo ateu, você se juntou ao filho dele e fez uma oração, e o delator pe-**

diu perdão aos companheiros. Qual foi a sua reação ao sair daquele encontro?

Saí com a cabeça a mil. Eu dirigia o carro e só pensava na palavra “alívio”. Como cristão, o perdão me trouxe esse alívio e me fez muito bem. Saí tranquilo, tirando das costas o peso desses questionamentos. **Seus pais tiveram acesso aos argumentos**

de Foedes Santos, o Zé?

Eles leram o material, gostaram, se emocionaram. Cada militante preso devido à delação dele decidirá se o perdão. Meus pais ainda estão processando esse pedido de perdão, não chegaram à resposta. **Você conseguiu entrar no 38º BI em meio a uma festa de formatura lá dentro. Simbólico, não?**

Foi um momento difícil. Fiquei mexido, emocionado e revoltado. Ali estava o símbolo do que meus pais sofreram. A simbologia da festa, correndo o momento, trouxe à tona diversos sentimentos. O Brasil, ao contrário de países vizinhos, não soube resolver essa história (ditadura). Foedes e até personagens do lado dos mili-

tares vivem numa angústia imensa.

Enquanto passava pelos locais onde seus pais foram torturados no 38º Batalhão, você falava com Míriam ao celular...

Na placa de honrarias históricas do Batalhão, falta registrar: “1972: aqui nós torturamos, colocamos uma jovem de 19 anos (Míriam) com

uma cobra numa sala escura. Chutamos o ventre de uma mulher grávida. Deixamos um jovem de 23 anos (Marcelo) ser torturado. Aqui nós machucamos, ferimos, sevicamos, marcamos e destruimos famílias”. Ali era um desabafo meu, de dever cumprido. Um Forte militar é feito para proteger os brasileiros, e não para prender, torturar.

“Fico feliz e emocionada”, diz Míriam

▄ Os jornalistas Míriam Leitão e Marcelo Netto se emocionaram com o esforço de reportagem empreendido pelo filho Matheus, assim batizado em homenagem ao codinome “Mateus”, dado pelo mesmo Foedes Santos a Marcelo na luta da esquerda comunista no Estado.

“Esta é a história do Matheus. Queria apenas, já que me abriu a possibilidade, de deixar registrados dois pontos. Estou muito feliz e emocionada de ver que a minha história - uma velha história que vivi junto com meus companheiros de Vitória - é valorizada pelo

meu filho que nasceu cinco anos depois daqueles fatos. Fico com uma sensação de conforto pela decisão e persistência do Matheus”, afirma Míriam a A GAZETA.

Ela se diz feliz como jornalista diante de “uma grande reportagem e pela maneira como a história é con-

tada pelo Matheus, Eduardo (Gomes) e os outros jornalistas do Brio”. “É uma forma inovadora de jornalismo, que mescla uma linguagem surpreendente, meio ficcional, meio pessoal, com vídeos e fotos que dão ao leitor a sensação de penetrar na história narrada”.



CARLOS ALBERTO SILVA

Míriam: “Nossa história em Vitória foi valorizada”